



1

## LEMBRANÇAS DE INFÂNCIA NA LITERATURA: memória, imaginação e vivências das lendas Yorùbá - “Os caminhos de Exu”<sup>1</sup>

Silmara Cardoso  
Mestre em Educação pela USP  
[silmaracardoso@usp.br](mailto:silmaracardoso@usp.br)

Palavras-chaves: mitologia Yorùbá, literatura infanto-juvenil, lembranças de infância

O presente texto resulta da pesquisa e análise de livros de literatura infanto-juvenil, que abordam lendas e histórias africanas, especialmente a Yorùbá. Assim, elegemos para objeto de estudo o livro “Caminhos de Exu” de Carolina Cunha. A escolha deste livro se deu pelo fato do mesmo tratar de um personagem da mitologia Yorùbá, Exu, que tanto fascina e ao mesmo tempo é tão temido.

O que levou Carolina Cunha a escolher as lendas de Exu para contar à crianças e adolescentes? Geralmente, um texto escrito por um determinado autor virá composto de suas experiências pessoais, religiosas e códigos coletivos. Dessa forma, o livro “Caminhos de Exu”, tem muito das vivências de Carolina Cunha, pois a autora guarda na memória as histórias que ouvia na infância das lendas Yorùbá. Ricas em simbolismo e mistério, essas lendas povoam sua imaginação e orientam o seu livro.

A cultura Yorùbá, de acordo com Carolina Cunha (2005), vem de muitos tempos atrás e fica difícil precisar o que nela é mito, o que é história. Todos os enredos se fundem na tentativa de explicar o enigma do cosmos e a aventura humana na terra. O que se sabe é contado e recontado nos entremeios do dia-a-dia, de boca em boca, na forma de *itans* (história, narrativa, fábula), *orikis* (louvação, enunciado, poema) e cantigas. A tradição oral é muito utilizada e valorizada, vozes que ultrapassam o tempo e se recriam em outras vozes.

---

<sup>1</sup> O presente texto resulta da pesquisa e análise de livros didáticos de História e de livros paradidáticos de literatura infanto-juvenil realizada no Grupo de Pesquisa *LIHED/FEUSP/CNPq* (Literatura, História e Educação: questões de pesquisa sobre História da Educação, ensino de História e formação de professores) sob a coordenação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Dislane Zerbinatti Moraes. O Grupo também analisa fontes como diários, relatórios, romances, revistas, obras literárias, etc.



2

Assim, as palavras não são simplesmente faladas, elas são embaladas nos ritos sagrados dos povos Yorùbá. As palavras são exaltadas ao som harmonioso dos atabaques e contadas por movimentos e danças encantadores trazendo consigo o axé e o axé é energia, é a força vital que os yorùbá mantêm vivos os laços com os orixás e os antepassados.

Na África tradicional, segundo Kabenguele (2009, p. 34), a atitude mágica e a visão do mundo de forças, logicamente, coerentes, são diferentes das outras civilizações. Assim, a “A morte não é uma ruptura, é uma mudança de vida, uma passagem para outro ciclo de vida; os mortos entram na categoria dos ancestrais, participam de uma força vital maior”. O morto impuro e perigoso é transformado em ancestral, orixá, protetor e reverenciado por seus grandes feitos realizados na terra.

O orixá é uma pessoa encantada, dotada de poderes, que um dia viveu na terra; ancestral; divindade Yorùbá. Verger (1997, p. 9) narra uma pequena historietta sobre os orixás, a qual foi contada para ele por um babalaô:

Um babalaô me contou:

“Antigamente, os orixás eram homens.

Homens que se tornaram orixás por causa de seus poderes.

Homens que se tornaram orixás por causa de sua sabedoria.

Eles eram respeitados por causa da sua força,

Eles eram venerados por causa de suas virtudes.

Nós adoramos sua memória e os altos feitos que realizaram.

Foi assim que estes homens tornaram-se orixás.

Os homens eram numerosos sobre a terra.

Antigamente, como hoje,

Muitos deles não eram valentes nem sábios.

A memória destes não se perpetuou.

Eles foram completamente esquecidos;

Não se tornaram orixás.

Em cada vila, um culto se estabeleceu

Sobre a lembrança de um ancestral de prestígio

E lendas foram transmitidas de geração em geração,

Para render-lhes homenagem”.

Exu também foi um homem “de carne e osso”, um ser humano real, que um dia se tornou um ancestral, como outros orixás, por suas lutas, coragem, ousadia, inteligência, audácia, sabedoria, força, etc.



Como personagem histórica, conforme Verger (2002), Exu teria sido um dos companheiros de *Odùduà*, quando da sua chegada a Ifé, e chamava-se Èsù Obasin. Tornou-se, mais tarde, um dos assistentes de Orunmilá, que preside a adivinhação pelo sistema de Ifá. Tornou-se o rei de Kêto sob o nome de Èsù Alákétu. Como orixá, veio ao mundo com um porrete, chamado *ogò*, que teria a propriedade de transportá-lo, em algumas horas, a centenas de quilômetros e de atrair, por um poder magnético, objetos situados a distâncias igualmente grandes.

Conta uma das lendas yorùbá, que Orunmilá tinha três filhos: Ogum, Xangô e Exu. Este último era muito briguento, vivia lutando. Ele era diferente porque não era filho de Iemanjá, deusa do mar, mas de Oxum, deusa do oráculo e da adivinhação. Um dia, Exu disse a mãe que estava com fome e queria comer um animal doméstico, ela consentiu, mas a fome não passou. Ele comia tudo o que via pela frente: árvores, pastos, animais, chegou até mesmo comer o mar. Quando estava para comer o céu, Orunmilá ordenou a Ogum que matasse o irmão. Assim foi feito, e a paz voltou a reinar temporariamente. Depois disso, o pouco que sobrou dos rebanhos foi dizimado pelas pestes, as colheitas não produziam frutos e os homens caíram doentes. Um sacerdote de Ifá consultou o Opelê Ifá e este respondeu que Exu estava com ciúmes e queria mais atenção, mesmo em forma de espírito. Desse dia em diante, nenhuma oferenda foi possível sem que Exu fosse servido em primeiro lugar.

Exu é certamente um orixá inclassificável, diz Santos (1997). É muito mais que as informações as quais o classificam como isto ou aquilo. Ele é considerado como o Senhor dos caminhos, força vital, intermediário, princípio dinâmico e por aí vai.

O primeiro papel de Exu, segundo Cossard (2008), é o de mensageiro. Ele faz a ligação entre os homens e *orumilá*. E ainda, o elemento de transição entre o céu (*orun*) e a terra (*aiye*). Coerente com seu lugar místico, privilegiado, é ele quem abre todos os trabalhos e quem carrega todos os ebós (trabalhos) para os lugares designados.

Além de ser o mensageiro divino, para Capone (2009), Exu é o mestre da magia e o grande manipulador do destino. Divindade central na organização do candomblé, é por seu intermédio que acontece a comunicação entre os orixás e os seus filhos.



4

A autora diz ainda que a figura de Exu exerce papel múltiplo, rico em contradições e, com frequência, paradoxal. Ele é o restaurador da ordem no mundo, mas, ao mesmo tempo, como o senhor do acaso no destino dos homens, desfaz as abordagens conformistas do universo, ao introduzir a desordem e a possibilidade de mudança. Seu caráter irascível, violento e esperto, todavia, determinou também a assimilação da figura de Exu ao diabo cristão por vários segmentos ou seitas religiosas. Exu ou Legba é frequentemente associado à noção de *aovi*, o infortúnio. No processo de cristianização, Exu se torna assim, a fonte de todos os males.

A associação de Exu com o diabo, de acordo com Oliveira (2003), vem do tempo da repressão, quando então o culto do candomblé era reprimido pela polícia. A pessoa que era do candomblé precisava ser respeitada. A relação com o satanás servia para manter o policial distante.

Oliveira observa ainda que essa associação vem também do tempo da escravidão, pois, para converter os escravos os padres precisavam de um elemento comparativo, e os negros necessitavam desse pretexto para aceitar a conversão. Infelizmente os símbolos de Exu como o tridente, o falo, os chifres, etc. pareciam-se para os padres, com símbolos associados ao diabo.

Devidos aos múltiplos e contraditórios aspectos, Exu é uma divindade difícil de ser definida de maneira coerente, observa Verger (2002). De caráter dúbio, ele gosta de suscitar dissensões e disputas, de provocar acidentes e calamidades. É astucioso, vaidoso, indecente, a tal ponto que os primeiros missionários no continente africano, assustados com essas características, compararam-no ao Diabo, dele fazendo o símbolo de tudo o que é maldade, perversidade, abjeção, ódio, em oposição à bondade, à pureza, à elevação e ao amor de Deus.

O arquétipo de Exu é muito comum em nossa sociedade, onde existem pessoas com caráter ambivalente, ao mesmo tempo boas e más, ou seja, pessoas obscenas, depravadas, corruptas e também pessoas que têm a arte de inspirar confiança, que são sensíveis a compreender os problemas alheios e capazes de ajudar e oferecer bons conselhos.

Exu é a divindade que está mais próxima dos seres humanos, possuindo seus defeitos e virtudes. Ninguém é totalmente bom, 24 horas por dia, 360 dias por ano



5

ou a sua vida inteira e o contrário disso também não existe. Assim como nós, Exu também tem seu lado positivo e negativo. Sabemos que quando um pólo é positivo e o outro negativo, suas forças se atraem, todavia, se for somente positivo ou negativo, suas forças se anularão e nada poderá acontecer, dessa forma também acontece no universo e com todos os seres.

Segundo Verger (2002, p. 76) Exu tem “as qualidades de seus defeitos, pois é dinâmico e jovial, constituindo-se, assim, um orixá protetor, havendo mesmo pessoas na África que usam orgulhosamente nomes como *Èsùbìyí* (“concebido por Exu”), ou *Èsùtósìn* (“Exu merece ser adorado”)”.

### **“Os caminhos de Exu”**

O livro “Caminhos de Exu” de Carolina Cunha é baseado das lembranças e memórias que guardou da infância das lendas Yorùbá. Essas lendas, as quais povoam a sua imaginação, orientam o seu trabalho, no traço da ilustração e na palavra escrita.

A narrativa do presente livro foi construída por um sujeito histórico – cuja formação, intenção, visão de mundo, preceitos religiosos e objetivo influíram decisivamente na tecitura do seu texto.

O livro que analisamos é da primeira edição brasileira de 2005. É classificado como literatura infanto-juvenil. Há no total 79 páginas. A capa, contracapa e as belas ilustrações, as quais são voltadas ao universo infantil, são da autora.

Antes de iniciar as histórias, Carolina Cunha faz uma dedicatória que diz o seguinte: “Para sempre a Babá Fatumbi Pierre verger e a Babá Ibijàre Nancy de Souza, pelo que aprendo e mais aprendo. E desse tanto a Lino e a Leo – favos de ouro, felinos filhotes sem vergonhas por enquanto”.

No final da obra há um texto explicativo, que a autora trata sobre “axé” e “candomblé” e um vocabulário explicando palavras próprias da mitologia e visão de mundo Yorùbá.

No geral as histórias são curtas, porém, a história “Um dia escravo, outro dia adivinho” é a maior e com mais ilustrações. Numa linguagem fácil e encantadora as lendas narradas por Carolina Cunha retratam o nascimento de Exu, as suas artimanhas, a



6

sua inteligência, sua perspicácia, suas armadilhas, suas ajudas, suas ações, suas vontades. Vejamos algumas de suas historietas:

### **Quem foi Inhangui (ou Yangi)**

Inhangui (ou Yangi) foi quase o primeiro Exu que existiu; primeiro filho de Obatalá, antes de ele criar todas as coisas; veio na forma de um meteorito, às chamas.

### **Inhangui**

Quando Inhangui caiu na terra, seu corpo se partiu em 256 pedaços. Cada pedaço era um Exu. Um bocado fugiu. Os outros, Inhangui comeu de volta. Esses que escapuliram têm, portanto, seus poderes. E saem por aí cheios de truques, andando pelas estradas do mundo, deixando seu rastro onde passam. Porque eles andam toda a terra muito ligeiros, norte-sul-leste-oeste, é da sua natureza. O nome deles muda se muda a cidade: Exu Bará, Exu Inã, Exu Lonan, Exu Laroîê, Exu Ijelu, Exu Elepô, Exu Lalu, Exu Aladi, Exu Alaketu, Exu Tiriri, Exu Akessan, Exu Odara... mas sempre é o mesmo Exu em todos os caminhos.

### **O dilogun**

Na África yorùbá, seu lugar de origem, o jogo dos dezesseis búzios ficou conhecido como dilogun. É o jogo do cotidiano, da vida comum, porque, para assuntos cabeludos, de passado ou de futuro, só mesmo o jogo de Ifá. No jogo de Ifá, são dezesseis vezes dezesseis odus. E cada uma dessas vezes outros dezesseis, e assim por diante. É o jogo do destino. O jogo que fala sobre as grandes questões do ser humano. Cada odu está associado a certo número de lendas que são indicadas pelas caídas dos búzios, no caso do dilogun, e do opelê ou dos caroços de dendê, no caso do jogo de Ifá. O dilogun dá respostas simples, diretas: sim ou não, isto ou aquilo, justo, preciso, porque é o jogo de Laroîê e Laroîê é Exu, é muito rápido, faz tudo ligeiro, não perde tempo, que é pra dar conta de atender todos aqueles que dele precisam. Por isso ele se divide em tantos. Em tantos caminhos.



### **Exu no mercado**

Ainda hoje, é o mercado o centro dos principais acontecimentos em terras yorubá. De tudo nele se vê ao redor. O movimento de gente é intenso. Ali estão os animais, utensílios, remédios, comidas, bebidas, esteiras, condimentos, plantas, o de vestir, o de enfeitar, também a música, a dança, o teatro, a poesia, a boa-nova, os ouros, os cobs, o ferro quente e o ferreiro, o adivinho e a sorte, os cheiros, as cores e um tanto mais de cada coisa essencial à vida das pessoas comuns. Akessan é o nome de Exu que toma conta do importantíssimo mercado da cidade de Oyó. Ele é encarregado de supervisionar as atividades, o entra-e-sai de gente, as relações de comércio, enfim. Quem lhe deu este privilégio foi Xangô – o mais poderoso e venerado rei que Oyó já teve, um famoso orixá do fogo e do trovão. Exu garante abundância, fartura, sucesso nos negócios. Mas basta que um dê oportunidade e ele igualmente se empenha em lhe atrapalhar a vida. Exu é capaz de provocar as maiores confusões, pois não é assim, danado? Para evitar que apronte, convém agradá-lo com oferendas.

### ***A riqueza da mitologia africana***

O que é o mito? É uma narrativa tradicional com caráter explicativo ou simbólico, profundamente relacionado com uma dada cultura ou religião. O mito procura explicar os principais acontecimentos da vida, os fenômenos naturais, as origens do homem, dos deuses, semi-deuses e heróis. O mito, portanto, é uma primeira atribuição de sentido ao mundo, sobre a qual a afetividade e a imaginação exercem grande papel.

O pensamento mítico confere um sentido metafórico às coisas e fatos, cria relações entre os seres humanos, a natureza, os animais e os deuses. É desta forma que na África tradicional, de acordo com Pinguilly (2005), nas aldeias, nos confins da mata, clareiras e plantações, os tambores africanos falam com os bichos, evocam os deuses da terra e contam histórias de heroínas e heróis negros. São contos de princesas perdidas e caçadores lendários, bruxos que se disfarçam de mendigos e moças que fazem manteiga perfumada para passar na pele; histórias de maridos e mulheres em pequenas e grandes confusões domésticas, de ladrões de mel, bebedores de cerveja e cegos espertos que caçam crocodilos.



Essas histórias de bichos, caçadores, bruxos, deuses e princesas da África foram narradas oralmente através dos séculos, lembradas, apropriadas, criadas, recriadas, por chefes de aldeias, *griot*, artistas populares e chegaram até nós pela palavra escrita. Nelas as pessoas conversam com a mata, a terra esconde segredos de fertilidade e astúcia, define os rumos do amor, da vida e da morte.

O mito procede mediante a representação fantástica, a imaginação poética, a intuição de analogias, sugeridas pela experiência sensível, que vai além da explicação racional. Segundo Brandão (1987), o mito não é uma fabulação vã, mas realidade viva que se recorre incessantemente trazendo sabedoria prática.

Geralmente, os mitos europeus são apreciados, valorizados e os dos outros povos são desvalorizados, pois são tratados como simples histórias fantasiosas e mentirosas. Por que as histórias fantasiosas da Grécia, que são tão fictícias quanto outras, são tratadas como mitos? Simplesmente por se tratar da Europa? E outras histórias são apenas imaginações por serem de continentes e países que foram colonizados e oprimidos?

Procurando entender a realidade brasileira, questionamos por que os mitos europeus aparecem como mais válidos do que os mitos indígenas e africanos, povos que deixaram marcas profundas na língua, alimentação, arte, cultura, religiosidade e história do Brasil? Será que os mitos indígenas foram desvalorizados pelo fato da Igreja considerar os índios como seres sem alma? E os mitos africanos foram esquecidos ou nunca lembrados por pertencerem a um povo de um passado escravocrata?

De acordo com Alberto da Costa e Silva em prefácio ao livro “A gênese africana: contos, mitos e lendas da África”, os europeus desde os tempos coloniais imprimiram no homem africano a marca da animalidade, o signo da negação de sua contraparte humana e de sua espiritualidade. O africano foi visto como um ser humano inferior e incapaz de desenvolver uma cultura e história própria, criativa e marcante. Foram com estes signos que o europeu inventou o mito racista para os africanos e afrodescendentes e justificou a sua escravização, com as conseqüências que a História bem registra.



9

O autor observa que o etnólogo Leo Frobenius, em pesquisa as pinturas rupestres e narrativas do continente africano, revelou uma cultura africana tão sofisticada quanto a europeia. Leo Frobenius partiu a Ifé, terra dos Yorùbá, convicto de que ali havia um tesouro, e, de fato o descobriu no bosque de Olocum, o orixá do oceano, as belas cabeças em cerâmica – e a do próprio deus em metal – que assombrariam o mundo. Essas cabeças mostravam-se inteiramente distintas da escultura africana até então conhecida. Eram de um realismo intelectual que pressupunham um retrato, pois os olhos do escultor captaram as feições do modelo conforme o entendimento que tinha de como deveria ser um rosto humano ideal, seguindo, portanto, uma norma, reconhecida e aceita, de como era a face da beleza. Essas peças, logo concluiu, obedeciam a cânones que podiam ser assemelhados aos da Grécia clássica.

Kabengele (2009) diz que antes da era colonial moderna, encontrava-se com facilidade imagens positivas sobre a África. Muitos viajantes árabes e europeus descreveram em seus relatos a África que viram em testemunhos oculares. Muitos falaram com admiração das formas políticas africanas altamente elaboradas e socialmente aperfeiçoadas, entre as quais se alternavam reinos, impérios, cidades-estados, e outras formas políticas baseadas no parentesco, como chefia, clãs e linhagens. Os viajantes também descreviam a paisagem e natureza africana com simpatia e lirismo; as mulheres eram consideradas bonitas e respondiam aos cânones de beleza da época.

Porém, o autor observa que após a Conferência de Berlim (1885), que definiu a partilha da África, as imagens simpáticas e tranquilizadoras começaram a sombreadar. Os povos africanos tornaram-se sem cultura, sem história, sem identidade e mergulhados na bestialidade. Desapareceram as belezas naturais dos territórios e das mulheres que foram substituídas pelos horrores da selva, da barbárie, mesquinha e atraso para justificar a missão civilizadora. Reinos e impérios foram substituídos pelas hordas e tribos primitivas em estado de guerras permanentes, umas contra as outras, a fim de justificar e legitimar a missão pacificadora da colonização das sociedades, adiante qualificadas como ignorantes e anárquicas. Finalizando, Kabengele (2009, p. 12) diz o seguinte:

A exploração e a dominação brutal às quais foram submetidos os africanos exigiam que fossem considerados rudes. Com a



finalidade de justificar e legitimar a violência, a humilhação, os trabalhos forçados e a negação da humanidade dos africanos, era preciso bestializá-los.

Assim, a Europa, envolvida por uma visão etnocêntrica, inventou uma África a-histórica, de povos incultos e sub-humanos, e, aproveitando-se desta ideia se apropriou e ressignificou muitos de seus mitos, recontando-os como se eles pertencessem aos países do continente europeu. Porque não dizer que pertenciam aos povos do continente africano?

Há muitos personagens africanos, que tanto a Europa quanto a América do Norte se apropriaram deles, tornando-os grandes estrelas, sem ao menos revelarem suas origens. Segundo Martins (2008), na África Ocidental há um personagem que roubou o fogo dos deuses e o deu para os homens, é o homem-aranha, Anansi. Muito estimado pelos afrodescendentes nos Estados Unidos se tornou o célebre homem aranha norte-americano.

O coelho foi levado pelos escravos também para a América do Norte, e se tornou um dos personagens mais famosos do folclore dos Estados Unidos. Em 1938, o estúdio cinematográfico *Warner Bros* criou *Bugs Bunny*, o protagonista da série *Looney Tunes*. Pernalonga, como o coelho é conhecido no Brasil, é hoje uma estrela internacional dos desenhos animados.

O jabuti, velho conhecido, também foi trazido da África. Personagem que figura o folclore de muitos povos conseguiu ir à festa no céu embora não pudesse voar; venceu a lebre em uma corrida apesar de sua lentidão e enganou a onça que tentava comê-lo. Tanto no Brasil quanto na África, o jabuti é um herói de muitas aventuras.

A mitologia africana é tão rica e linda quanto as outras mitologias. Infelizmente, de um modo geral, a instituição escolar, o currículo escolar e os (as) educadores (as) não valorizam os contos e lendas africanos e o pior, há ainda alguns que nem os conhecem. Os contos de *Branca de Neve*, *Cinderela*, *Chapeuzinho Vermelho*, *Pinóquio*, dentre outros são vislumbrados em sala de aula. Observa-se que os personagens destas histórias seguem um padrão europeu valorizado socialmente.



11

Quando um (a) personagem negro (a) aparece nestes contos é de forma de forma estereotipadas: escravo, ladrão, mendigo, saci, etc.

Grande parte dos livros de literatura infanto-juvenil ainda mantém uma visão preconceituosa em relação à representação do segmento negro e ignoram completamente o conhecimento científico, lingüístico, estético, religioso e a visão de mundo dos africanos e afro-brasileiros. Nota-se deste modo, que ainda persiste nos currículos e na instituição escolar como um todo, um imaginário étnico-racial que privilegia a brancura e valoriza as raízes europeias da cultura, ignorando ou pouco valorizando as outras, como por exemplo, a africana e a indígena. Nos materiais escolares curriculares pouco ou nada existe dessas populações. Suas crenças, seus valores, conhecimento, destrezas, mitologia são negados.

Há muitas maneiras de se trabalhar em sala de aula os contos e mitos africanos. O que não existe é uma receita pronta. Primeiramente é preciso deixar o preconceito de lado, entender que não existe só a história do *Chapeuzinho Vermelho*, da *Branca de Neve*, da *Cinderela*, do *Patinho Feio*, do *Pinóquio*, existem outras e outras histórias, que são tão ricas e interessantes quanto estas. Torna-se necessário que os (as) educadores (as) pesquisem e estudem os contos e mitos africanos, procurando compreendê-los e apreciá-los. Assim, estarão contribuindo para valorização da cultura e história africana.

Os preconceitos e estereótipos negativos referentes à história, cultura, literatura e religião dos africanos e afro-descendentes são mais que a tradução de atitudes de ataque, negação e silenciamento de seus sinais de identidade. Sendo assim, é preciso que se trabalhe uma pedagogia anti-racista e de valorização à tradição e memória dessa população. A mitologia africana deve fazer parte dos conteúdos curriculares escolares; suas lendas e mitos devem ser contados em sala de aula.

Exu, que é a divindade mais importante do povo yorùbá deve fazer parte dos livros de literatura infanto-juvenil, e é necessário desmistificá-lo como sendo a figura do demônio, demônio que a visão cristã associou a ele de modo errôneo e preconceituoso.

Como a lei 10639/2003, relata em uma de suas diretrizes que é preciso valorizar a cultura e história africana, porque então não ir contra o preconceito sobre a



12

figura de Exu e contar as suas histórias em sala de aula? Os (as) educadores (as) podem trabalhar vários temas sobre história, cultura e literatura africana, pois estas são vastas, ricas e lindas. Eu proponho a trabalhar a divindade Exu por ser tão discriminado socialmente e por ser uma divindade extremamente importante para os yorùbá, povo que contribui imensamente para a história e cultura do Brasil.

Ao escrever sobre as lendas de Exu, Carolina Cunha de certo modo valoriza a mitologia africana e este personagem que é tão temido, principalmente pelo seguimento religioso. Segundo a autora:

São muitas as faces de Exu. Andante, em cada lugar ficou conhecido por um nome. Exu não pára quieto, é dono dos caminhos, sabe de tudo, vê tudo. Sua voz pode ser ouvida no universo inteiro. Uma das divindades mais populares da mitologia yorùbá, foi o primeiro orixá que veio à terra. É sobretudo, chegado numa confusão, num disse-me-disse, esse Exu. Mas é boníssima pessoa.

Exu é o senhor dos caminhos, é o axé e a força vital. Uma divindade tão especial como esta não pode continuar sendo marginalizada. Precisamos lembrá-lo, contar suas lendas, suas histórias, que são fascinantes e se aproximam muito das virtudes e defeitos humanos.

### **Referência Bibliográfica:**

BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia grega. 3ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

CAPONE, Stefania. *A busca da África no candomblé: tradição e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

CROSSARD, Gisèle Omindarewá. *Awô: o mistério dos orixás*. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

CUNHA, Carolina *Os caminhos de Exu*. São Paulo: Edições SM, 2005.

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana – Lei 10639/2003. MEC.



13

FROBENIUS, Leo; FOX, Douglas C. *A Gênese Africana: Contos, Mitos e Lendas da África*. São Paulo: Landy Editora, 2007.

KABENGELE, Munanga. *Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações*. São Paulo: Global, 2009.

MARTINS, Adilson. *Lendas de Exu*. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

OLIVEIRA, Rafael Soares de (org). *Candomblé: Diálogos fraternos contra a intolerância religiosa*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PINGUILLY, Yves. *Contos e Lendas da África*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTOS, Orlando J. *O ebó no culto aos orixás*. Rio de Janeiro: Pallas, 1997.

SOUZA JÚNIOR, Vilson Caetano de. *Exu, o andarilho que transita em todas as direções*. In: Caderno de Resumos. III Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros: Pesquisa Social e Políticas de Ações Afirmativas para os Afro-descendentes. São Luiz, Universidade Federal do Maranhão, 2004.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Lendas Africanas dos Orixás*. Salvador: Corrupio, 1997.

\_\_\_\_\_. *Orixás deuses iorubás na África e no Novo Mundo*. Salvador: Corrupio, 2002.